

## **INFLUENCIAÇÕES DO DISCURSO LITERÁRIO NO DISCURSO CIENTÍFICO: O CASO DE SANTOS DUMONT E OS PRIMÓDIOS DA NAVEGAÇÃO AÉREA.**

**Sady Carlos de Souza Jr.**

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP

### **Resumo:**

Como qualificaríamos o aeronauta Santos Dumont? Alguns o definiram como um aventureiro, um esportista, um dândi, um “sportsman”, um playboy, um pesquisador dileitante, etc. Estas falas relidas em conceituadas revistas, jornais e livros retirariam dele o aspecto inventivo e acadêmico da introspecção do problema? Eis o nosso questionamento.

Obtemos da literatura biográfica e jornalística as mais importantes referências e algumas primeiras contribuições sobre o surgimento da aviação – enquanto investimentos semânticos corroborariam na efetiva compreensão dos acontecimentos. E, por conseguinte, dali também viria, as sementes contraditórias da sua disputada primazia. Destacamos o envolvimento multifacetário e inventivo de Santos Dumont no tocante a navegação aérea, e as diversas facetas que empreendeu para o aperfeiçoamento aeronáutico, como objeto qualificador de produção científica, e não como fruto do acaso ou do diletantismo esportivo. E ao mesmo tempo queremos auferir um discurso que restaure o aeronauta brasileiro na compreensão histórica de seu legado.

**Palavras-chave:** Santos Dumont, Discurso da Ciência, Análise Semiótica.

### **Introdução:**

Nosso estudo trata da importância do vocabulário e a forma com que reproduzimos e divulgamos o conhecimento, seguindo fundamentações básicas da epistemologia como traço responsável pela demarcação entre o que é válido ou não. Porém sabemos que muitas vezes o discurso literário dileitante tomou à frente como instrumento para uma posterior designação formal, principalmente diante de uma ciência nova como a aeronáutica de então. Preocupa-nos o tipo de verbalização colhida como conteúdo com valor de verdade. Através do conceito de “norma” do linguista Eugênio Coseriu revimos o uso social do vocabulário aplicado a um contexto ideológico, e tentamos avaliar como isto decorreria no caso de Santos Dumont e sua

precocidade inventiva num país estrangeiro.

### **Metodologia:**

Usaremos o método indutivo nos moldes que se nos apresentam aplicados no quadrado semiótico de Greimas que nos autorizaria – enquanto fundamentação lógico-discursiva o estabelecimento do SER, PARECER na análise, de modo que especificamos dados particulares (das experiências) para o extrapolarmos ao geral (dos conceitos) oportunizando a premência do objeto de pesquisa.

Para àquela sociedade da “Belle Époque” o discurso do SER - quem é, quem foi, frente à primazia requerida americana, torna-se um discurso do PARECER - de modo que toda a criação de Dumont se resumiria a uma sorte circunstancial e não de um saber reto. Também, neste caso parecia a todos que apenas o empenho de desbravar era sua intenção. O fato do aeronauta brasileiro ser um jovem rico sem necessidade de trabalhar deslocou o significado histórico de sua personalidade diferenciando-se do que seria um pesquisador acadêmico comum. É da compreensão deste modelo semiótico que revertemos o termo PARECER para o termo actancial SER do grande inventor.

### **Resultados e Discussão:**

Houve desde o início toda uma especulação histórica de reconhecer os resultados práticos, e daí formalizar um marco do conhecimento como valor linguístico. Sabe-se que em torno de Santos Dumont criou-se uma ideia de que toda a sua produção derivava de um fazer dileitante, ocasional. Muitos, naturalmente se aproveitaram disso para não o enquadrarem como numa produção séria, mas de risco, de aventura, de ímpeto ao radicalismo próprio dos jovens e até de desinteresse pelos valores já alcançados pela nova ciência da aeronáutica. O seu atrevimento, ao navegar nas alturas, por si só evidenciava o homem incauto, radical, até um ligeiro suicida. Percebe-se isso quando usa o “motor à explosão” em seus balões de gás. Portanto os valores que caberiam ao homem de ciência foram trocados por “sportsman”, playboy, dândi, etc. Toda ciência em seu início

necessita de uma destreza que ultrapassa as fronteiras do convencional para chegar ao Novo. Isto legitima o comportamento inicial de Dumont.

Há na ciência personagens históricos que se distinguiram (outros passaram imperceptíveis) por não terem a investidura de um título ou poder acadêmico. Estes no começo são inibidos pela ciência protocolar onde o saber se legitima no âmbito institucional. Contraditoriamente, a depender do que a realidade dos fenômenos demonstra, isto se constitui também uma barreira ao avanço do reconhecimento da Verdade por si, se acreditarmos em sua neutralidade.

Em Santos Dumont, alguns pesquisadores tinham se aproveitado das suas próprias palavras quando vez ou outra se definia um "sportman", um curioso da aerostação. Porém sua inteligência prática e feérica produziu mais de vinte aparelhos aéreos diversos entre si o que o qualificaria na ordem de um dos poucos aeronautas a insistentemente produzir de modo efetivo e contínuo sem necessariamente se valer de artigos científicos em revistas conceituais.

O propedêutico científico aqui esbarra no que subjaz da arguição de que quando não há problemas na factualidade da demonstração, pois há testemunhos – poder-se-ia identificá-lo como não científico, pois sequer o aeronauta se preocupava em patentear seus inventos, ou publicar seus projetos.

### Conclusões:

A literatura biográfica ou jornalística é uma literatura científica? Não, o discurso popular pareceu-nos aqui decorrer primeiro do papel de justificação do "Não Ser", ou seja, um comportamento de "um americano em Paris" concorreria com a de um "Pai da Aviação" – o que numa fala ideológica o primeiro dismantelaria o outro. Por outro lado, o fato de não patentear seus inventos consagrados concorreria para a perda efetiva de algum dos seus direitos?

A ciência é uma peça discursiva num espaço-tempo linguístico. Na Sociosemiótica a Ciência é um discurso distinto pela modalidade de "poder-fazer-saber". O *discurso literário/popular* consome todas as espécies discursivas que temos na sociedade, o discurso religioso, o tecnológico, o burocrático, o jurídico, etc... O *discurso jornalístico*, mais especificamente, só o é em função de que o

"poder-fazer-saber" vem acoplado à modalidade do "poder fazer querer", porque não é o saber íntegro que a publicidade pretende em última análise, mas o saber que possa gerar um desejo, um querer: vender sua revista, uma mercadoria, etc. Portanto o discurso jornalístico não é o mesmo que o científico. Neste sentido, não são valores deste seu discurso que tornariam a Ciência ser o que é.

Como compreenderíamos as ilações do "científico" ou do "sportman" em Santos Dumont? Ele é ou não o inventor do avião? Onde investir semanticamente o SER e o NÃO SER neste discurso? Um grande defensor do aviador brasileiro, seu contemporâneo - Emmanuel Aimé, certa vez disse à Imprensa que "mais vale a experiência que o conhecimento científico", porque nesta área só havia a chamada "aerostação teórica". Independentemente de qualquer coisa, sabemos que atualmente a *ciência pragmática* ainda é, acima de tudo, a demonstração.

### Referências bibliográficas

BARBOSA, Maria Aparecida - "Modelos em Lexicologia", Língua e Literatura nº 9, FFLCH - USP, 1980.

FONSECA, Gondin da - "Santos Dumont", Casa Editora Veichi, Rio de Janeiro, 1940.

GREIMAS & COURTES - "Dicionário de Semiótica", São Paulo, Editora Cultrix, 1979.

JORGE, Fernando - "As Lutas, a Glória, e o Martírio de Santos Dumont", 2a. ed., São Paulo, Nova Época Editorial Ltda., 1973.

NAPOLEÃO, Aluizio - "Santos Dumont e a Conquista do Ar", Coleção Aeronáutica, vol. 1, Ed. Itatiaia e Inst. Histórico Cultural da Aeronáutica, Belo Horizonte, 1988

PAIS, Cidmar Teodoro - "A Combinatória Semântica no Enunciado Simples", In: Ensaios Semióticos Linguísticos, Petrópolis, Editora Vozes Ltda. 1973.

SOUZA JR., Sady Carlos de - "Para uma Abordagem Linguístico- Semiótica do Discurso Histórico", Dissertação defendida em 1996 – Fac. de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.